



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Michel Foucault:

sexualidade, corpo e direito

Luis Antônio Francisco de Souza

Thiago Teixeira Sabatine

Boris Ribeiro de Magalhães

Como citar: SOUZA, L. F; SABATINE, T. T; MAGALHÃES, B. R. Apresentação. *In:* SOUZA, L. F; SABATINE, T. T; MAGALHÃES, B. R (org). **Michel Foucault:** sexualidade, corpo e direito. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.pI-IV. DOI: <https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-136-2.pl-IV>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

APRESENTAÇÃO

Os objetos e caminhos indicados nas investigações de Michel Foucault continuam a verter novas perspectivas para as Ciências Humanas. As investigações meticolosas realizadas pelo autor entre 1950 e início de 1980 causaram impactos e reorientaram as perspectivas da problematização da modernidade. Seus modos de busca da verdade auxiliam a compreensão e ampliam os sentidos do presente.

Numa trajetória que sobrepõe problematizações, inventa caminhos e técnicas para recobrir períodos históricos específicos, desafia os saberes estabelecidos. Em um momento é arqueólogo, noutro é genealogista e, por fim, torna-se também hermenêuta. Nos deslocamentos que realizou em suas pesquisas orbitou sobre seus objetos para apreendê-los com um "olhar ciclópico", em suas diversas aparições, diferentes níveis práticos e discursivos, para assim, desconstruir o que estava feito, deixando para trás escombros e pensamentos revirados pela força de seus equipamentos técnicos, numa caixa de ferramentas que desconsertou nossas práticas cotidianas e as evidências comuns acerca do corpo, da sexualidade e do direito.

Sobre o corpo no presente restou-nos indagar: que corpo? Foucault anuncia um corpo transformado pelas mais diversas formas de captura e de disciplinamento através do trabalho, das dores, dos alimentos, da sexualidade e de uma infinidade de dispositivos do poder. Entretanto o corpo resiste aos mecanismos construídos socialmente para mantê-lo sob a pressão das injunções cotidianas.

Em relação ao sexo, que adquire mais importância na atualidade, Foucault indica a invenção da sexualidade enquanto um dispositivo capaz de assegurar a

gestão individual do corpo e das populações, bem como a normalização das condutas expressas como responsáveis pela deturpação do pudor vitoriano, desde as mulheres históricas, os onanistas, os incontáveis perversos, ao serem investidos pelo poder, resistem e clamam por liberdade e direitos.

As fábricas, as celas sujas e sem espaço físico das prisões, os hospitais e as políticas de saúde, as escolas, as variadas instituições e discursos produzem subjetividades e conformam vidas para viver bem. Mecanismos expressos no bio-direito como meio regulatório-normalizante da população atuam para a produção da conduta correta, e contenção da multiplicidade de vivências em benefício de um modelo social. A biopolítica antevê, contorna e rege a felicidade dos homens e as crises que atingem as populações, contabilizando as vulnerabilidades sociais, a cada impedimento surge uma nova modalidade de luta instaurando-se um poder contrário capaz de acionar um novo direito à vida.

Na esteira das observações da ética política na modernidade, Foucault ilumina um vasto campo de problematizações das relações entre o direito e o poder nos efeitos de controle da vida, fomentando discussões acerca das técnicas de governo e regulação das populações. De outro lado, as reflexões da ética antiga propõem inquietações que transitam entre a cultura do corpo e o modo de subjetivação concernente à elaboração de uma estética da existência, e das formas políticas cristalizadas no viver comum, em contrapartida, espelham a crítica à individualização e ao adestramento da subjetividade moderna.

A presente coletânea é o resultado dos debates ocorridos no Seminário Michel Foucault: corpo, sexualidade e direito, que ocorreu na Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, em junho de 2010. As investigações de Michel Foucault sobre as tecnologias e dispositivos que modelam o corpo na modernidade têm sugerido um profícuo debate multidisciplinar entre pesquisadores brasileiros que exploram as intersecções entre corpo, sexualidade e direito.

As mulheres parresiastas, senhoras de si, abrem a coletânea na voz de Margareth Rago, que problematiza as práticas de confissão moderna em contraste com a autobiografia greco-romana como exercício de si, assim ilumina as resistências através do ato de contar-se das feministas como condutas e polaridades micropolíticas de luta por direitos.

Tendo como referência a postura educativa na dimensão da parresia, Pedro Ângelo Pagni analisa como esta concepção provoca uma transformação nas práticas e discursos pedagógicos estabelecidos, cuja ênfase recai sobre a crescente governamentalização da educação contemporânea.

A desconstrução das identidades sexuais e das verdades impostas pela heteronormatividade ganha destaque na escrita de Richard Miskolci, que aponta as contribuições da Teoria Queer na análise das transformações estratégicas da política sexual contemporânea e as tensões, particularmente no Brasil, entre a agenda dos movimentos LGBT, da academia e do Estado, desafiando pensar as práticas estabelecidas para o sexo.

A transformação do corpo, do gênero e da expressão estética desejada pelas travestis em suas insistentes peripécias contra o poder são cartografadas por Willian Siqueira Peres, que contrapõem o modo estilístico assegurado em suas vivências cotidianas e as possibilidades criativas e de felicidade experimentadas, frente às injunções normalizantes e punitivas que negam o direito às diferenças, e interferem na qualidade de vida e saúde delas que ousam viver um corpo em desacordo com o binarismo de gênero.

Em seguida, Larissa Pelúcio aponta as trajetórias de travestis brasileiras que migraram para a Espanha em busca da realização de seus desejos e sonhos de tornar suas vidas mais habitáveis e felizes e demonstra os desafios e as diferentes estratégias acionadas no ato de cruzar fronteiras geográficas e simbólicas, e que as levam a aventurarem-se no mercado transnacional do sexo marcado por uma gramática erotizada racial.

A sociedade em suas injunções enfatiza o culto ao corpo modelar como objeto das intervenções cotidianas e de vivências dos estilos de vida. Para apreender as possibilidades de transformações e experimentações corporais no cotidiano à luz de Foucault, Bóris Ribeiro de Magalhães e Thiago Teixeira Sabatine analisam as técnicas normalizadoras que atuam na correção das condutas vivenciadas por pessoas com índice de massa corporal acima da média e que desejam emagrecer.

Os corpos artificiais, transformados e fragmentados pelas estratégias do poder e saber, e modulados no diagrama das disciplinas e dos controles reguladores da biopolítica são analisados por Hélio Rebello Cardoso Júnior, que apresenta o corpo no presente tecido nas investigações de Foucault.

As práticas e discursos policiais por meio dos quais se constituiu a governamentalidade contemporânea são analisados por André Rosemberg e João Marcelo Maciel de Lima, que explicitam como o termo polícia foi trabalho por Foucault, em contraponto ao uso atual e comum, assim como evidenciam as relações de força exercidas nas práticas policiais para contenção dos perigos às pessoas.

A arquitetura conceitual de Michel Foucault serve de substrato para indagações sobre as dimensões biopolíticas da sociedade moderna, ainda às voltas com o paradoxo da afirmação da vida do sujeito e da ameaça à vida coletiva, no texto de Luís Antônio Francisco de Souza.

Desta forma, a coletânea traz os deslocamentos invocados por Michel Foucault para auxiliar o pensamento no presente. Os efeitos agudos para a pesquisa acadêmica e para os estudiosos de sua obra e das relações sociais percorreram a pauta dos variados artigos, trazendo enfoques diferenciados sobre a influência do autor na produção intelectual brasileira.

Por fim, esta coletânea se torna possível graças ao importante apoio da CAPES que financiou a realização do *I Seminário Michel Foucault: corpo, sexualidade e direito* e a presente coletânea, bem como ao inestimável envolvimento dos pesquisadores, organizadores e grupos de pesquisa que de maneira direta ou indiretamente estiveram presentes na realização do evento.

Luís Antônio Francisco de Souza
Bóris Ribeiro de Magalhães
Thiago Teixeira Sabatine